

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

Cleilton Sampaio de Farias **

Milton Santos foi geógrafo, professor emérito da Universidade de São Paulo, ganhador do prêmio internacional de Geografia Vautrin Lud, em 1994, e autor de 30 livros e 400 artigos científicos, publicados em diversos idiomas.

Nesta obra, Milton Santos faz uma crítica ao atual período do modo de produção capitalista, caracterizado pela globalização. Para isso ele usa o método dialético, e expõe de forma concatenada e coerente as formas de reprodução do capital sobre os povos, territórios e governos (política).

Em “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal”, Santos enfoca, através de constatação pessimista, a questão da globalização, para logo após finalizar com uma visão prognostica positiva, resultante do exercício dialético, visando encontrar nas contradições da sociedade atual, possibilidades de superação da mesma.

A idéia central contida neste livro e defendida teoricamente pelo autor é de que a globalização é um fenômeno reversível, podendo ser usada para o bem da humanidade. A isto enfoca: “Na realidade, o que buscamos foi, de um lado, tratar da realidade tal como ela é, ainda que se mostre pungente; e, de outro lado sugerir a realidade tal como ela pode vir a ser, ainda que para os cétricos nosso vaticínio atual apareça risonho” (SANTOS, 2003, p.13).

O livro é formado por seis partes, divididas em capítulos, sendo que as seis partes se resumem em três intenções: 1) mostrar a globalização como fábula, enfocando como se deu o andamento do processo de criação e instalação nos espaços nacionais pelos Estados, que são os responsáveis pela construção de normas para a reprodução do capital no território, e as contradições existentes neste processo; 2) mostrar a globalização como perversidade, enfocando a violência do dinheiro e da informação na busca da mais-valia universal; e por fim, 3) mostrar a globalização como pode ser, ou seja, uma outra globalização a serviço da cidadania.

** Licenciado em geografia, mestrando do programa de pós-graduação em desenvolvimento regional da Universidade Federal do Acre/UFAC e Gestor de Políticas Públicas do Estado do Acre.

Na primeira parte, ou seja, na introdução, há uma breve síntese do que será o desenvolvimento do livro. O autor faz uma breve exploração dos assuntos apresentados no decorrer do livro, resumindo-os em apresentar a globalização em três modos de pensá-la, e na sua reprodução pelo espaço mundial: o mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade.

A primeira intenção, enfocada anteriormente, é desenvolvida na segunda parte do livro intitulada “A produção da globalização”, formada por seis capítulos. Nesta, há um enfoque do avanço das técnicas e da informação que com o uso de normas ditadas pelos Estados e empresas formaram o meio técnico-científico-informacional que é a essência da globalização, e como esta usa o advento da informação para o seu proveito.

Para isso, ele inicia sua reflexão com a questão da fabulação (fábulas, ideologias) imposta pelos atores hegemônicos, aproveitando-se do alargamento de todos os contextos, pelas empresas e Estados, que permitem a instalação da globalização como algo inevitável, consagrando um único discurso, nos dizeres de Santos (2003): “É a partir da unicidade das técnicas, da qual o computador é uma peça central, que surge a possibilidade de existir uma finança universal, principal responsável pela imposição a todo o globo de uma mais valia” (SANTOS, 2003, p.27).

Sem as fábulas e mitos, este período histórico não existiria como é. Uma dessas fábulas é a tão repetida idéia de aldeia global. O fato de que a comunicação se tornou possível à escala do planeta, deixando saber instantaneamente o que se passa em qualquer lugar [...]. Um outro mito é do espaço e do tempo contraídos, graças, outra vez aos prodígios da velocidade [...]. Fala-se, também, de uma humanidade desterritorializada, e essa idéia dever-se-ia outra, de uma cidadania universal. (SANTOS, 2003, p.41-42).

Na terceira, quarta e até o meio da quinta parte (Uma globalização perversa. O território do dinheiro e da fragmentação. Limites a globalização perversa), desenvolve-se a segunda intenção: que busca mostrar a globalização como ela é: imposta por meio da tirania do dinheiro e da informação, que polarizam a economia em atores hegemônicos, influenciando para uma competição desigual, determinando a escassez e a pobreza para os excluídos, que com a fraqueza política dos Estados em ditar regras permitem um “totalitarismo”. Para o autor:

“A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala” (SANTO, 2003, p.37). E acrescenta, que:

Essas técnicas da informação são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque escapa a possibilidade de controle. (SANTOS, 2003, p.39).

Nesta fase há visivelmente uma influência maciça da mídia para a disseminação e manipulação das massas através de fábulas e ideologias, usando de todas as formas os meios característicos da globalização:

Há uma relação carnal entre o mundo da produção da notícia e o mundo da produção das coisas e das normas. A publicidade tem, hoje, uma penetração muito grande em todas as atividades, como na profissão médica, ou na educação. [...] Hoje, propaga-se tudo, e a política é, em grande parte, subordinada às suas regras. (SANTOS, 2003, p.40).

Tudo funciona de acordo com as regras do mercado, com a violência do dinheiro e da informação, gerando competições que mais parecem guerras, a que Santos chamou de “globalitarismo”, no espaço do território do dinheiro: “A concorrência atual não é mais a velha concorrência, sobretudo porque chega eliminando toda forma de compaixão”. (SANTOS, 2003, p.46).

Em “Uma globalização perversa”, Santos enfoca a respeito da tirania da informação e do dinheiro, destacando como a informação é oferecida à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômico e social. As técnicas da informação só são usadas pelos atores hegemônicos, aprofundando as desigualdades, onde o dinheiro com todas as criações do mundo financeiro, tem o papel de monetarizar à vida cotidiana, para a exploração de empresas em territórios nacionais, e isto formaria a mais-valia internacional.

Na quarta parte, “O território do dinheiro e da fragmentação”, Santos (2003) vai mostrar que o dinheiro modela o espaço escolhido para a reprodução capitalista, fazendo fluir suas atividades nestes lugares. Todas essas mudanças feitas à bem do capitalismo vão determinar a diferenciação das áreas de um lugar, fragmentando-o por meio de regulação exógena da área, produzindo a esquizofrenia do território, sendo que este, ao mesmo tempo em que acolhe as novas caras do capitalismo, também permite a emergência de outras formas de vida.

Em “Limites à globalização perversa”, o autor expõe de forma gradual algumas idéias que poderão representar limites à globalização, destacando: a resistência às fabulações e a mudança no denso sistema ideológico; o papel da esquizofrenia do território; a luta contra a racionalização dominante; e, o uso das técnicas em conjunto com a política para a

valorização da vida humana. É neste capítulo, “Limites à globalização perversa”, que o autor começa a apresentar algumas formas de resistência e de reversão da globalização perversa.

Finalmente, como parte da última intenção (globalização como pode ser), escrita a partir da metade da quinta para sexta parte (Limites à globalização, e A transição em marcha), Santos (2003) mostra “a batalha travada entre a nação passiva e a nação ativa”, em uma transição política que envolve todos os espaços do viver, desde o espaço da vida cotidiana. (SANTOS, 2003, p. 160).

A nação passiva, ligada aos interesses da globalização perversa, nada cria, nada contribui para a formação do mundo da felicidade, ao contrário da outra nação dita ativa, que a cada momento, cria e recria, em condições adversas, o novo jeito de produzir o espaço social, mostrando que a atual forma de globalização não é irreversível e a utopia é pertinente. “É somente a partir dessa constatação, fundado na história real do nosso tempo, que se torna possível retomar, de maneira concreta, a idéia de utopia e de projeto” (SANTOS, 2003, p.160).

A globalização, nesta última intenção, é encarada de forma reversível, tendo o pobre caráter de agente da “reversão”. O caráter perverso e os efeitos destrutivos da globalização, segundo Santos, irão gerando resistências crescentes dos "espaços banais" e horizontais em que se encontra a grande massa do povo, contra os espaços integrados, verticais e excludentes dos fluxos globalizados do dinheiro e da informação. São nestes espaços onde se desenvolvem as cidades e as culturas populares que, segundo ele, estão sendo tecidas as bases de uma nova utopia globalitária, que deverá ser cidadã e democrática.

Essa transição em marcha seria possível, através da valorização do homem com: cidadania, reforço do Estado com criação e inserção de mudanças em políticas públicas e nas lutas revolucionárias dos pobres (excluídos). Esta tenderia a perder o seu caráter violento e sagaz, e todas as técnicas, ciência e informação, evoluídas ao seu dispor, unir-se-iam para a minimização das desigualdades econômicas e sociais, entre os homens e nações, e para a paz mundial. “É desse modo que, até mesmo a partir da noção do que é ser consumidor, podemos alcançar a idéia de homem integral e cidadão. Essa valorização radical do individuo contribuirá para a renovação quantitativa da espécie humana, servindo de alicerce a uma nova civilização” (SANTOS, 2003, p.169).

Diante do que é o mundo atual, como disponibilidade e como possibilidade, acreditamos que as condições materiais já estão dadas para que se imponha à desejada grande mutação, mas seu destino vai depender de como disponibilidades e possibilidades serão aproveitadas pela política. Na sua forma material, unicamente

corpórea, as técnicas talvez sejam irreversíveis, porque aderem aos territórios e ao cotidiano. De um ponto de vista essencial, elas podem obter um outro uso e uma outra significação. A globalização atual não é irreversível. (SANTOS, 2003, p.173-174).

Portanto, neste livro, “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, Santos demonstra que: esta é sem dúvida alguma, a fase mais abrangente de toda história do capitalismo, com os seus aspectos perversos espalhados em quase todos os lugares do mundo, em diversas formas, mas, com apenas uma intenção, apropriar-se cada vez mais da mais-valia.

A globalização é caracterizada pelo avanço da ciência que aprimora as técnicas, disseminadas pelo espaço e evoluídas através da informática. É neste período “técnico-científico-informacional”, que pensamos com preocupação as questões sobre escassez dos recursos ambientais, divisão de renda, exclusão social e resgate da cidadania, pois, o modelo implantado e a forma como é pensado e apropriado o espaço pela globalização, aumentam significativamente a gravidade dessas questões, e nos levam a pensar e a acreditar que uma nova globalização faz-se necessária, uma nova história deve começar, mas, de forma diferente da atual globalização perversa e excludora. Uma globalização para os pobres, globalização da inclusão, com o objetivo da valorização do homem frente ao mundo do dinheiro.